

FRIESEN, Garry & MAXSON, R. **Como descobrir e fazer a vontade de Deus.** Vida, 1990. 239p. Resumido por JLHack em julho de 2001. [Interessante abordagem sobre como descobrir a vontade de Deus, mostrando o caminho bíblico para a tomada de decisões e o lugar correto dos sentimentos, circunstâncias e impressões íntimas.]

PARTES 1: Ponto de vista tradicional

1/2. Acertando o alvo: a vontade de Deus se expressa em 3 sentidos: A) Vontade soberana. É o plano predeterminado de Deus para tudo o que acontece no universo. B) Vontade moral. São os mandamentos bíblicos que ensinam em quem crer e como se deve viver (Rm 2.18; 1Ts 5.18; 4.3; 2Co 6.14; etc.). C) Vontade individual. É o plano ideal, singular e minucioso traçado por Deus para a vida toda de cada pessoa (Cl 1.9; 4.12; Rm 12.2; Ef 5.17; 6.6; Pv 3.5-6; 16.9; Sl 32.8-9; Gn 24). Quando alguém não acerta na mosca, escolhe uma segunda alternativa que acaba o levando à sequidão de alma, por não estar dentro do plano divino para ele. Prova-se a existência da vontade individual de Deus pela razão (Deus é de ordem e planejamento), pelo exemplo de homens piedosos do passado; pelos exemplos bíblicos (Jesus, Paulo, Filipe, José) e pelo ensino bíblico (cf. textos acima + Is 30.21).

3. Sinais da estrada: a vontade individual é comparável a um mapa rodoviário para a vida do crente. Conceitos: não é um conteúdo programático, mas sim um pergaminho que se desenrola com o tempo; Deus não é um frustrador de sonhos, é um pai que se agrada em alegrar seus filhos; Deus não chama apenas missionários e pastores, mas vocaciona todas as profissões; não é preciso ter maturidade para descobrir a vontade de Deus; não é preciso haver relâmpagos; não é só para grandes decisões. Sinais rodoviários: a) Bíblia (determina a vontade moral, dentro da qual deve estar a vontade individual); b) circunstâncias (portas abertas e fechadas; cuidados com a “lã” – não tornar um hábito; orar para definir o sinal; escolher um sinal inconfundível; só em decisões importantes); c) testemunho interior do Espírito (que guia através de impressões pessoais e paz no coração); d) conselhos maduros de outros irmãos; e) desejos pessoais (não os considerar todos nem opostos nem iguais aos de Deus); f) bom senso (deve ser contrariado apenas quando há ordens diretas de Deus); g) orientação sobrenatural (anjos, sonho, voz, visão, profecia).

4. Tomando decisões: descobrimos com certeza a vontade individual de Deus: a) pela concordância dos sinais rodoviários (principalmente dos três primeiros); b) pelos resultados (a vontade de Deus sempre traz paz e bênçãos); c) pela oração (é o momento de ouvir a voz de Deus); d) pela comunhão pessoal com Deus.

PARTES 2: Crítica ao ponto de vista tradicional

5. Três vontades? As Escrituras não ensinam que Deus tem uma vontade individual para cada detalhe da vida. Vamos reexaminar as bases da parte 1. A) Razão. A ordem e soberania de Deus não pressupõem que ele tenha estabelecido um plano detalhado para cada pessoa. As figuras de pai, pastor e rei o apresentam como alguém que estabelece princípios e limites e julga com sabedoria, mas sem controle de particularidades. B) Experiência. O máximo que se pode afirmar é que ela não prova nem “desaprova” a vontade individual de Deus. C) Exemplos bíblicos. Também não provam que existe uma vontade individual, pois as Escrituras registram apenas poucos casos, e neles houve revelação sobrenatural para entender uma direção específica de Deus. Estes casos ocorreram com pessoas especiais no plano divino e não com o povo em geral. Não são também abrangentes, mas em geral se limitam à pregação do evangelho. Assim, não comprovam que é normativa a direção divina para cada detalhe da vida de cada crente.

6/7. Existe uma “mosca” no alvo? O exame mais acurado dos versículos geralmente usados na defesa da vontade individual demonstra que se referem à vontade moral (Pv 3.5-6; Sl 32.8; Cl 1.9; 4.12; Rm 12.1-2; Ef 5.15-17). Crer na vontade individual traz algumas dificuldades operacionais. A) Quanto às decisões comuns: i) ela não é necessária para tomarmos boas decisões na vida, pois temos a sabedoria de Deus; ii) buscar a vontade individual (inexistente) leva à frustração; iii) mesmo os que a defendem não a buscam para as “decisões comuns” (por exemplo, que sapato escolher), embora

teologicamente digam que ela é minuciosa. B) Quando há opções legítimas iguais, o adepto do ponto de vista tradicional se preocupa com medo de fazer a escolha errada e não cumprir a vontade de Deus. C) Quanto à indecisão: i) há perigo de tomar decisões imaturas por se achar que recebeu orientação de Deus para agir assim. Isto inibe a avaliação da decisão por outros; ii) outro problema é ficar adiando decisões, permitindo que as circunstâncias decidam a situação; iii) A indecisão por incerteza pode levar à perda de oportunidades ou escolha da pior opção (como modo de não fazer a nossa vontade egoísta).

8. Impressões: a quarta dificuldade operacional é a subjetividade dos sinais rodoviários para descobrir a vontade individual. Sem uma fonte objetiva, não há como ter certeza de qual é a vontade de Deus em uma situação. Tanto as impressões íntimas quanto as circunstâncias não revelam com certeza a direção de Deus. A concordância entre vários sinais também não gera certeza, pois esta não advém de várias incertezas. Os sinais não têm autoridade como direção divina. O Espírito orienta o crente na vontade moral de Deus, não nos detalhes.

PARTE 3: O caminho da sabedoria

9. Vontade moral: nas áreas que a Bíblia não estabelece mandamento ou ensino, o crente é livre e responsável para determinar suas ações. A vontade moral de Deus foi revelada nas Escrituras e deve ser obedecida.

10. Livres para escolher: as instruções deixadas por Deus (tanto a Adão como a Moisés) presupõem a liberdade de escolha e a regulamentam. Só o homem foi criado com a capacidade de julgar livremente e de assumir responsabilidade por suas escolhas. Tudo o que não está regulamentado constitui livre arbítrio a ser exercido sob direção do Espírito. Apenas a quebra da lei moral de Deus é pecado. Onde a lei de Deus não impõe restrições, há liberdade moral para decidir. Exemplos: quanto ofertar, com quem casar.

11. Competentes para escolher: em que base se deve decidir nas áreas não morais? Os apóstolos não buscavam a vontade individual de Deus (1Ts 3.1-2; Fp 2.25-26; Tt 3.12). O objetivo é decidir sabiamente, baseado na conveniência espiritual, ou seja, naquilo que conduz a um objetivo digno. 1Co 7 ilustra bem o que é normativo, a liberdade de escolha e as preferências pessoais de Paulo. Ef 5.15-16 e Cl 4.5 mostram o princípio da tomada de decisões: andar sabiamente, aproveitando as oportunidades. Para encontrar sabedoria deve-se pedi-la a Deus (Tg 1.5-6), buscá-la nas Escrituras (Sl 119.97-100) e pesquisar fatos e conselhos (Pv 15.22).

12/13. A vontade soberana: Deus tem uma vontade soberana certa, exaustiva, oculta dos olhos humanos e perfeita. Todavia, Deus não é o autor do pecado nem o homem está isento da responsabilidade por suas decisões e ações. Se Deus controla tudo, o que adianta planejarmos? Tg 4.13-16 condena o planejamento arrogante que não reconhece a soberania de Deus, mas recomenda o planejamento que submete sua execução à vontade soberana de Deus (1Co 4.19; 16.7). A) A soberania de Deus não exclui a necessidade de planejamento; exige submissão à sua vontade. B) As circunstâncias definem o contexto da decisão e devem ser avaliadas pela sabedoria (e não como sinais rodoviários). C) Portas abertas são oportunidades concedidas por Deus para o seu serviço e não orientação específica exigindo que se siga por ali (1Co 16.9; 2Co 2.12; Cl 4.3). D) “Colocar a lá de Gideão” é prática válida que às vezes funciona por se tratar de sabedoria disfarçada. A vontade soberana de Deus governa as circunstâncias e provê portas, mas são a sabedoria e a vontade moral de Deus que determinam nossa tomada de decisão.

Resumo: Princípios para tomada de decisões. A) Nas áreas sob comando bíblico, os princípios de Deus (sua vontade moral) devem ser obedecidos. B) Nas decisões não morais (em que a Bíblia não oferece princípios), o crente é livre e responsável para escolher seu próprio curso de ação. Qualquer opção dentro da vontade moral é aceitável. C) Nestas decisões, o objetivo do crente é agir com sabedoria, baseando-se na conveniência espiritual. D) Em todas as decisões, o crente deve se submeter humildemente, de antemão, à vontade soberana de Deus, que preside a cada ato nosso.

14. Orientação: o Espírito guia o povo de Deus com orientação de quatro tipos. A) Moral. Guia diretamente o comportamento moral, por meio dos princípios revelados. B) Em sabedoria. Guia imediatamente nas decisões não morais, pela sabedoria adquirida. C) Soberana. Guia secretamente em todas as coisas, por meio de seu controle soberano. D) Especial. Guia sobrenaturalmente em casos singulares, por voz, anjos, sonhos ou milagres. A decisão final sempre deve ser explicada na base da orientação moral (“a Bíblia diz que...”) e da sabedoria (“a melhor alternativa parece ser...”). Quando duas opções são igualmente convenientes, qualquer uma pode ser escolhida (a que for da preferência pessoal do crente). No exemplo de Paulo em Rm 1.8-13, nota-se: a) que é apropriado fazer planos (v.13); b) que se deve orar por eles (v.8-10); c) que se deve estar submisso à soberania de Deus (v.10,13); d) que os planos se baseiam em objetivos espirituais (v.11-15; 15.20-29).

15. Orientação pessoal: o caminho da sabedoria não é impessoal, conforme o demonstram as decisões dos apóstolos e o relacionamento de Deus com seu povo no AT. O sentimento de que confiar na sabedoria é impessoal procede da ênfase forte no papel das emoções. Deus, porém, designou que as emoções devem reagir à realidade (e não a determinar). Esta é determinada conforme o que diz a Palavra. Para cultivar um relacionamento pessoal com Deus, é preciso: a) intelectualmente aprender o que Deus declarou ser verdadeiro e real; b) volitivamente crer em Deus e aceitar suas declarações como verdadeiras; c) reagir emocionalmente de acordo com a vontade moral de Deus.

16. Melhorando o bom: enquanto a posição tradicional abandona sua teoria nas “decisões triviais” e gera ansiedade quando há opções iguais (pelo medo de errar a mosca), o caminho da sabedoria leva o crente a exercer bom julgamento sem perder muito tempo nas decisões triviais e o leva a agradecer a Deus por poder escolher entre alternativas iguais. Por exigir motivos sólidos, também evita decisões imaturas (justificadas na impressão de “Deus me disse assim”). Ensina que o estudo das Escrituras leva ao conhecimento da vontade moral de Deus e à necessária sabedoria para decidir. Esta sabedoria aumenta junto com o crescimento espiritual. O crente deve ponderar bem tudo quanto for proveniente do bom senso, da Bíblia e das impressões íntimas. Para a posição tradicional, estes são sinais rodoviários, mas para o caminho da sabedoria são passos a serem avaliados levando a uma decisão moral sábia.

PARTE 4: Tomando grandes decisões

17. Casamento: o critério normativo da Palavra (1Co 7) é que os crentes só devem se casar com crentes (v.39; 2Co 6.14-16). Além disso, deve fazer uma escolha sábia, observando as características morais e espirituais do candidato (Pv 31.10; Rt 3.11), relacionadas na Palavra. Também se deve consultar conselheiros, em especial os pais.

18. Ministério: a chamada divina para certas funções tem exemplos nas Escrituras, mas não formam uma norma válida para todos os crentes. Deus já declarou as qualificações dos que devem ser líderes espirituais: precisa ser um crente espiritualmente maduro, capaz de conduzir o povo de Deus e lhe ensinar a Palavra. Seus relacionamentos serão o testemunho necessário para comprovar sua maturidade. Não é a chamada que o manterá (ou não) no pastorado, mas seu compromisso em servir a Deus daquela forma.